26/09/2019

De que serve ter o mapa, se o fim está traçado?

Ana Carolina de Oliveira Marques

[Doutora em Geografia. Prof. Universidade Estadual de Goiás. Pesquisadora do grupo "Espaço, Sujeito e Existência"]

Esta interrogação inaugura a canção Quem me leva os meus fantasmas de Pedro Abrunhosa* interpretada por Maria Bethânia. Sou geógrafa e a cartografia é linguagem recorrente no meio em que atuo. Pontos, linhas e polígonos; simbologias, projeções e escalas; coordenadas, rosa dos ventos e legendas; linhas de rumo, astrolábio, mesa digitalizadora; sistemas de informação geográfica e de posicionamento global; mapas portulanos (para a navegação), cartas topográficas, folhetins imobiliários e turísticos, imagens orbitais, globos virtuais. Todos estes são fragmentos da história de nossa Educação Visual.

O que e como vemos o mundo - e a nós mesmos - passa pela cartografia. "Educar" o nosso olhar é função ideológica desta linguagem anunciada "técnica".

Travestida de ciência matemática, dissimulada pelo paradigma tecnológico, a cartografia quase sempre habita os piores pesadelos de estudantes e professores de Geografia. Revelada pelo sociólogo Pierre Bourdieu (1998), a aversão à matemática - e à cartografia - não é ocasional. Advém de disposições (*habitus*) adquiridas nas experiências de classe, religiosa, familiar, escolar do sujeito.

Também Jessé de Souza (2019) aponta a relação entre a socialização familiar e o desenvolvimento da capacidade de concentração, pensamento prospectivo e raciocínio lógico da criança.

Ter sucesso em matemática não é - pelo menos em regra - questão de "dom". Fica a pergunta: por que então é negado às classes populares o saber matemático/cartográfico?

O drama brasileiro "Bacurau"[1], em cartaz em várias cidades do país, sugere a resposta. Logo no início da trama, professor e estudantes de uma escola no interior de Pernambuco se surpreendem ao perceber que Bacurau, a pequena vila, desapareceu do mapa.

No plano de fundo do longa futurista que une tecnologia e cangaço, estética e crítica política, está a apropriação dos recursos hídricos da região num pacto entre o capital internacional e o poder público local.

O filme retrata com maestria o poder do mapa.

O mapa é, como insiste a professora Gisele Girardi (2014), um discurso sobre o território.

Desaparecer do mapa é silenciar-se diante do fim já traçado. Como a história se repete, já dizia o velho barbudo, o filme lançou-me para a década de 70: a "Guerra dos Mapas" travada entre agentes econômicos e populações tradicionais na Amazônia.

Nas audiências públicas, mapas altamente sofisticados ("matematizados") eram apresentados às comunidades afetadas por grandes projetos mineradores, energéticos e agropecuários.

A incompreensão era geral e inevitável, empobrecendo os contra-argumentos. Uma equipe de antropólogos, sociólogos entre outros profissionais indignados com tal covardia, empenhou-se na instrumentalização cartográfica dessas populações.

Como resultado da "Cartografia Social da Amazônia"[2], inúmeros cartogramas, croquis, desenhos elaborados pelas comunidades revelaram o valor existencial (vital) de seus territórios.

Rios, plantas, cemitérios, reservas extrativistas, serras deixaram de ser linhas, pontos e polígonos em escalas de cinza e ganharam a cor e a forma de gente, de animais, de objetos culturais. Há quem diga que não são mapas, pois desrespeitam as convenções cartográficas. Se assim for, que tais convenções se atualizem, porque a vida vivida há muito se levantou contra a compreensão cartesiana de mundo, e novas cartografias despontam, evocando mapas abertos ao devir. Cartografias encantadas, pois aproximadas da vida, das escalas do cotidiano, das emoções que sutilmente circulam, dos afetos que deslocam os sujeitos no tempo e no espaço, dos conflitos que ameaçam a consistência humana e ética dos territórios. O mapa a serviço da expressão e da potência da experiência humana e não do seu empobrecimento. Ainda que incipiente, ganha força uma educação visual rebelde aos finais traçados. ■■■

* Ouça a versão do próprio autor
https://www.youtube.com/watch?v=sqK7Ys155j4

1-Dirigido por Kleber Mendonça Filho e Juliano Dornelles. Trailer.
2- Mais informações sobre o projeto no site
http://novacartografiasocial.com.br/

Referências

BOURDIEU, Pierre. Escritos em Educação. Petrópolis: Vozes, 1998

GIRARDI, Gisele. Modos de ler mapas e suas políticas espaciais. Espaço e Cultura, n. 36, p. 85-110, 2014.

SOUZA, Jessé. A elite do atraso: da escravidão a Bolsonaro. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2019.

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.